

7ª PARTE

O LIVRO DA ACADEMIA

Esquinas do Tempo

Francisco Carvalho

Paisagem

a paisagem é o que resta da nuvem
dilacerada em pleno voo

a paisagem é o grito que incendeia
a metamorfose das cigarras

a paisagem é a cavalgada das éguas
para a volúpia dos centauros

a paisagem é um rebanho de cabritos
ruminando as tetas dos rios

a paisagem é o sangue derramado
das cicatrizes do dia

a paisagem é o vento perfumado
pelo hálito dos bois.

Irmã das Monjas

Árvores do pomar. Árvores de frutos
maduros sob verdes abóbadas.
O sol se deita para dormir
e os pássaros cantam.

Em tempos distantes, outros
vos amaram com fervor de namorados.
Árvores de braços apaziguados
onde os pássaros cantam.

Eu vos amarei pelo resto da vida
árvores onde os invernos se agasalham
e os pássaros cantam.

Estarei sob vosso abrigo
quando ouvirdes o dobrar dos sinos
onde os pássaros cantam.

Ceticismo

a pátria é o lugar
de onde não veio
nem mel nem argila
para o molde do seio.

a pátria é o lugar
de onde não veio
a chama que acende
o odor do centeio.

a pátria é o lugar
de onde não veio
senão a morfina
do teu devaneio.

a pátria é o lugar
de onde me veio
este ceticismo
de metro e meio.

Sentimento da Tarde

A tarde escorrega
lentamente das copas
amortalhadas dos eucaliptos.

O crepúsculo é uma romaria de fanais
e andorinhas a caminho da noite
e das orgias do mar.

Seiva

Os teus dedos de gueixa
são raízes de fogo
que mergulham
na gleba do meu corpo
à procura da seiva
que irriga o caule do amor.

Poema de uma Nota Só

Comprei um galo
para fritá-lo
em fogo ralo.

O mito a cavalo
a cada intervalo
do canto do galo.

Perdi, não vou achá-lo
nem pisar no calo
do rei Sardanapalo.

Não escutei estalo
apenas o badalo
do sino e seu embalo.

Meditem no que falo:
vou fritar um galo
Em fogo ralo.

Rei Midas

Um galo tesudo
passeia no quintal
entre jovens galinhas.

Devorador de espigas
de ouro, esse galo
é sócia do rei Midas.

Numa ribalta de plumas,
esse galo alardeia
seus impulsos de fauno.

O rei Sardanapalo
teria inveja da lascivia
desse galo.

Dialética Braçal

Meu braço direito estuda gramática
meu braço esquerdo contempla a
cavalgada dos ponteiros do relógio.

Meu braço direito escreve epigramas
e epitáfios em laudas de mármore.
Meu braço esquerdo sangra.

Meu braço direito lembra
uma adaga amolada pelos mouros.
Meu braço esquerdo pranteia os touros.

Meu braço direito coleciona odes
meu braço esquerdo adivinha
as rotas das gaivotas e dos navios.

Meu braço direito cuida de seus remos
meu braço esquerdo navega
em pélagos serenos.

Velório Burguês

A palavra e sua nudez
seu esporão de ave de rapina
sua máscara de espantalho
seu triciclo de mágico
sua irreverência de adivinho
seu olho vazado de ciclope
sua cauda de serpente venerável
sua mandíbula de crocodilo
seus modos, seus módulos, seus nódulos
suas danças, mudanças e esquivanças.
A palavra e sua nudez
transformadas em metáfora
de um velório burguês.

Gota D'Água

Uma gota de ópio
uma gota de vento
uma gota d'água.

Uma gota de bronze
uma gota de cobre
uma gota d'água.

Uma gota de sangue
uma gota de vinho
uma gota d'água.

Uma gota de chuva
uma gota de orvalho
uma gota d'água.

Uma gota de tudo
uma gota de nada
uma gota d'água.

Alma do Vinho

O amor é alma do vinho
que passeia nas adegas.
O cristal de que ele é feito
não se parte nem se quebra.

É uma taça de chamus
com que o céu nos golpeia.
Um cálice de veneno
entre as orquídeas da ceia.

O amor nos presenteia
com o seu diadema.
A fagulha que incendeia
o esqueleto do poema.

Amar é vagar a esmo
por alguma estrada incerta.
Cruzar o abismo da porta
que jamais esteve aberta.

Soneto Cifrado

Não preciso dizer que te amo
que te adivinho nas estrelas longínquas.
No orvalho que goteja das árvores
mais altas e no arrulho das pombas.

Não preciso dizer que a tua respiração
semeia madrugadas nas minhas retinas.
Que o teu corpo é uma gleba semeada
onde gorjeiam os pássaros das artérias.

Não preciso dizer que te pastoreio
nos intervalos da ausência e do abismo.
Na aridez do pedregulho e da vertigem.

Não preciso dizer que me embriago
da morfina que jorra dos teus seios.
Que logo mais retomo a Santiago.

Horas de Bronze

Monarcas das comarcas,
a trombeta dos galos
acorda os passarinhos
em breves intervalos.

Seu canto pastoreia
as árvores dos vales
as sombras dos abutres
pousadas nos cavalos.

Vai alta a madrugada.
Soam as horas de bronze
no relógio sem pêndulo.

da cancela da estrada.
Por onde, a passo trêmulo,
tudo volta para o nada.

Excesso de Amor

Ninguém sabe quando morre.
A feiticeira chega de surpresa
em seu cavalo negro.
Pode estar na cama, detrás das portas
ou escondida nos armários,
entre robes de seda e calcinhas de laicra.
À espera de que a noite se aproxime
com seu séquito de sombras.

Ninguém adivinha quando a morte
nos visita. Às vezes é um osso de galinha
atravessado na garganta.
Um vírus que envenena o sangue.
Um coágulo na contramão do cérebro.
Um soluço ao final de um orgasmo.
Que também se morre por excesso de amor.

Sopa Amarga

A hora da chegada
a hora da partida.
O sonho se esfarela
a alma se divide.
Não sou o adivinho
que enxerga nas cartas
as voltas do destino
e das marés altas.
Apenas irriço
as folhas da horta
para a sopa amarga.
De longe o inimigo
pousa em minha sorte
com sua espingarda.

Labaredas

O dia acende
suas labaredas.
Matilha ruiva

que invade os campos
e vai aos rios
matar a sede.

O dia afugenta
os lobos que dormem
dentro das cavernas.

As nuvens de sépia
os sonhos de espuma
as sombras eternas.

Água Morta

Água parada é água morta.
Água que não respira
pela veia aorta.

Água estagnada é água sem rumo.
Água que à noite
espanta os vagalumes.

Água amortalhada é água podre
porque os bichos
não bebem água salobra.

Água que não recebe a visita
dos pássaros é como um olho cego
pousado nas estacas.

Água aprisionada dentro
de um pântano: sapos já não tecem
o linho do seu cântico.

Água parada é água morta.
Abutre assassinado
à nossa porta.

Concriz

Na estaca da cerca
de arame, ele canta
como se tivesse
flauta na garganta.
Canta para os ovos
que arrulham nos ninhos
para as alimárias
mortas nos caminhos.
Canta para a tarde
que já doura os campos.
Canta sem alarde
seus mais belos cantos
para a eternidade
feita de acalantos.

Antes Que Seja Tarde

pare de escrever
poemas
não adianta
insistir
o poema se alastra
em teu corpo
com a velocidade
da lepra
é mais incômodo
do que
uma fratura exposta
do que a mosca
boiando
num copo de leite
pare, antes
que seja tarde
e o poema se transforme
num simulacro
ou no tiro
que saiu pela culatra.

Borboleta

Qual mensageira da chuva,
a borboleta amarela
ou chega pelo telhado
ou entra pela janela.

Como se fosse uma nuvem
que anuncia as tempestades,
traz os aromas do inverno
dentro das asas molhadas.

Nas paredes, nos retratos
pousa o corpo de veludo.
Ali permanece imóvel

à espera dos ventos frios.
Só regressa quando chove
nas cabeceiras dos rios.

Ponto Por Ponto

Ponto de partida
ponto de chegada
ponto de afago
ponto de fuga.

Ponto de refração
ponto lacrimal
ponto culminante
do juízo final.

Ponto de cruz
na trama do linho
ponto que trespassa
as veias do lenho.